

Assistência de enfermagem em adolescentes a respeito dos fatores de risco à violência sexual: um relato de experiência

Nursing care in adolescents regarding risk factors for sexual violence:
an experience report

Atención de enfermería en adolescentes sobre factores de riesgo para violencia sexual:
relato de experiencia

Jussara Soares Marques dos Anjos¹, Ana Lúcia Reis da Cunha¹, Bianca Maria Oliveira Nascimento¹, Eliene Maria de Jesus Santos¹, Mayara Gomes Araujo¹, Natália Ximenes Delfino Dias¹, Thaynara Ketelem Alves Cardoso Macario¹, Marcus Vinícius Ribeiro Ferreira¹, Paulo Wesley Barbosa Bomtempo², Alberto César da Silva Lopes³.

RESUMO

Objetivo: Refletir sobre a violência sexual contra crianças e adolescentes, com foco no papel do enfermeiro em sua prática profissional e assistencial no âmbito escolar. **Relato de experiência:** O estudo se fundamentou em vivência por acadêmicas do 9º período do curso de enfermagem de uma Instituição Ensino Superior privado localizado na região Centro-Oeste, no estágio obrigatório em Atenção Primária. A atividade ocorreu em um Centro de Ensino Educacional Público, local que atende estudantes do ensino médio e do fundamental I. As ações fizeram parte do Programa de Saúde na Escola (PSE) que são fundamentais no plano de ensino, com intuito de integrar as ações educacionais com as de saúde pública. Foi realizado consultas de enfermagem com adolescentes de ambos os sexos entre 14 e 19 anos por meio de uma ficha sobre principais necessidades dos adolescentes como hábitos alimentares e de higiene, além dos principais fatores de risco como a violência sexual. **Considerações finais:** Os enfermeiros assumem protagonismo nas ações de saúde e no combate à violência sexual na adolescência, propondo estratégias básicas para intervenções de promoção da saúde holística, reconhecendo a complexidade dos fatores de vulnerabilidade na implementação de programas de ações educativas no combate a esse crime.

Palavras-chave: Violência sexual, Papel do enfermeiro, Serviços de saúde escolar, Abuso sexual do adolescente.

ABSTRACT

Objective: Reflect on sexual violence and adolescents, focusing on the role of nurses in their professional practice and in the school environment. **Experience report:** The study was based on the experience of students in the 9th period of the nursing course at a private Higher Education Institution located in the Midwest region, in the mandatory internship in Primary Care. The activity took place in a Public Educational Teaching Center, a place that serves high school and elementary school students. The actions were part of the School Health Program (PSE), which are fundamental in the teaching plan, with the aim of integrating education with those of public health. Nursing consultations were carried out with adolescents of both sexes between 14 and 19 years old through a form on the main needs of adolescents, such as eating and hygiene habits, in addition to the main risk factors such as sexual violence. **Final considerations:** Educators take a leading role in health

¹ Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos (UNICEPLAC), Gama - DF.

² Secretaria de Saúde do Distrito Federal (SES - DF), Brasília - DF.

³ Instituto de Ensino Superior em Brasília (IESB), Ceilândia - DF.

actions and in the fight against sexual violence in adolescence, proposing basic strategies for interventions to promote holistic health, recognizing a complexity of vulnerability factors in the implementation of education programs to combat this crime.

Keywords: Sex offenses, Nurse's role, School health services, Child abuse, sexual.

RESUMEN

Objetivo: Reflexionar sobre la violencia sexual y los adolescentes, centrándose en el papel de las enfermeras en su práctica profesional y en el ámbito escolar. **Relato de experiencia:** El estudio se basó en la experiencia de estudiantes del 9º período del curso de enfermería en una Institución de Enseñanza Superior privada ubicada en la región Centro-Oeste, en el internado obligatorio en Atención Primaria. La actividad se llevó a cabo en un Centro de Enseñanza Educativa Pública, lugar que atiende a estudiantes de educación media y básica con los de salud pública. Se realizaron consultas de enfermería a adolescentes de ambos sexos entre 14 y 19 años a través de un formulario sobre las principales necesidades de los adolescentes, como alimentación y hábitos de higiene, además de los principales factores de riesgo como la violencia sexual. **Consideraciones finales:** Los educadores toman protagonismo en las acciones de salud y en el combate a la violencia sexual en la adolescencia, proponiendo estrategias básicas de intervención para promover la salud integral, reconociendo una complejidad de factores de vulnerabilidad en la implementación de programas educativos para combatir este delito.

Palabras clave: Delitos sexuales, Rol de la enfermera, Servicios de salud escolar, Abuso sexual infantil.

INTRODUÇÃO

A violência sexual (VS) é um problema social complexo que atravessa séculos de história humana e é considerado um problema de saúde pública devido à sua alta prevalência. O conceito de violência sexual vai desde gestos e comentários direcionados à sexualidade de outra pessoa até a mercantilização, atividade sexual sem ou com consentimento de uma pessoa que não tem consentimento físico, emocional e/ou cognitivo (SANTANA DR, 2014; CRUZ GA, SARAT M, 2015; MATHEWS B, COLLIN-VÉZINA D, 2019). De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a violência sexual pode ser definida como:

“Todo ato sexual, tentativa de consumir um ato sexual ou insinuações sexuais indesejadas, ou ações para comercializar ou usar de qualquer outro modo a sexualidade de uma pessoa por meio da coerção por outra pessoa, independentemente da relação desta com a vítima, em qualquer âmbito, incluindo o lar e o local de trabalho”
(WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO, 2018).

A VS é tida como um problema de saúde pública, geralmente é estabelecida quando há relações de desigualdade de poder, principalmente quando se trata da diferença de idade e de força. Não se trata de classes sociais, gênero ou etnia, se baseia na atuação do agressor contra crianças e adolescentes, trazendo esse problema não só para família, mas envolvendo todo contexto social (MIRANDA MHH, et al., 2019).

Várias questões dificultam o enfrentamento da violência sexual de crianças e adolescentes, como o direcionamento de profissionais de saúde, muitas vezes rodeado de medo e falta de compreensão do real impacto deste fenômeno na sociedade, família e vida de quem sofre esse tipo de violência. Isso ainda requer uma estrutura de análise teórica adequada que permita que o problema seja entendido considerando sua complexidade e diferentes formas de se manifestar (SILVA LMP, et al., 2011).

No Brasil, a Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos (ONDH) que atua como canal de comunicação da população com o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), registrou cerca de 7.400 denúncias de estupro no Brasil nos cinco primeiros meses de 2022. Das vítimas, em torno de 5.800 são crianças ou adolescentes, quase que 79% das denúncias, com acréscimo de 3% dos casos envolvendo o grupo vulnerável se comparado ao ano de 2021 (BRASIL, 2022).

A violência configura um grave problema na área da saúde, proveniente de fatores que se tornam obstáculos para que haja soluções, tais como: coação ou trauma, pouca experiência prática com o caso vivenciado. Esses fatores dificultam o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes, muitas vezes permeado pelo medo e pela falta de compreensão da real dimensão e impacto desse fenômeno na sociedade, que pode repercutir de forma negativa e clara na vida das famílias, crianças e adolescentes (LEITE JT, et al., 2016).

É essencial que os profissionais de saúde conheçam os tipos de violência para promover a identificação precoce, a assistência individualizada e ações de prevenção e desestímulo à violência (GALINDO NAL, et al., 2017). O profissional de enfermagem que lida com a saúde pública deve portar o conhecimento necessário sobre a violência em crianças e adolescentes de modo a prestar uma assistência de qualidade, bem como ser determinante e implementar um plano de cuidados à vítima e à família (SILVA PLN, et al., 2021).

O ambiente escolar costuma ser a porta de entrada do adolescente para realização de trabalhos de promoção de acolhimento, prevenção e proteção à violência sexual devido ser um espaço social de criação de laços e confiança, encorajamento dos estudantes e deixá-los confortáveis para exposição da violência sofrida, além da oferta de informações claras e objetivas. Dessa forma o profissional de enfermagem propõe ação de educação em saúde e torna esse ambiente compreensivo para fortalecimento do vínculo com os alunos (SILVA JLL, et al., 2020).

Diante o exposto acima o artigo teve como objetivo refletir sobre a violência sexual contra crianças e adolescentes, com foco no papel do enfermeiro em sua prática profissional e assistencial no âmbito escolar por intermédio da vivência de acadêmicas de enfermagem nesse contexto.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Trata-se de um estudo que descreve a vivência em campo de Estágio Supervisionado I em Saúde na Escola baseado nos princípios e objetivos do Caderno de Atenção Básica 24 do Ministério da Saúde – Programa Saúde na Escola (PSE). Foram 11 dias úteis de estágio onde foram realizadas consultas de enfermagem por 6 acadêmicas do 9º período de uma Instituição Ensino Superior (IES) privada do Distrito Federal, que oferta vários cursos, dentre eles o de Enfermagem, na Região Centro-Oeste, em uma escola pública do Gama, Distrito Federal.

O Estágio Supervisionado I possui carga horária de 500 horas e prevê que os alunos de enfermagem sejam capazes de construir o ensino teórico-prático durante a formação, contribuindo para a autonomia do acadêmico. Os alunos eram encaminhados para o consultório de enfermagem da instituição de ensino, em parceria com a instituição de ensino privada, antes ou após o intervalo. As instalações reservadas para a enfermagem eram bem equipadas, sendo compostas por mesas e cadeiras, armários, materiais de escritório, ar condicionado, materiais de primeiros socorros necessários e filtro.

Para dar início ao processo das consultas, as alunas se dividiam em duplas, ou seja, foram 3 duplas, e se deslocavam até a turma do ensino médio e escolhiam 3 alunos para acompanhá-las. Eles eram orientados quanto ao sigilo de suas informações, para que se sentissem mais à vontade para relatar tudo o que era perguntado.

Na escola o ensino médio e o ensino fundamental eram divididos em turnos, o ensino médio no matutino e o fundamental no vespertino, as abordagens eram adaptadas para cada faixa etária, no caso do ensino médio a abordagem era mais direta, através de perguntas, com o ensino fundamental já era mais dinâmico por intermédio de bonecos de EVA na parede, com sinalização coloridas nas partes íntimas. Os acadêmicos de enfermagem questionavam se alguém tocava ou tentava tocar nessas regiões, para tentar compreender se esses alunos sofriam algum tipo de violência sexual, tendo em vista que quanto mais novos eles são, mais complicado é a compreensão deles a respeito desse ato.

Nas consultas de enfermagem que foram realizadas no ensino médio, as acadêmicas verificaram os sinais vitais, peso, estatura, Índice de Massa Corporal (IMC), acuidade visual, dinâmica alimentar, os alunos eram abordados a respeito de suas dinâmicas sociais e familiares. Se já teriam sido vítimas de algum tipo de

violência, entre elas, *bullying*, violência física, psicológica e sexual, quando se entrava nesse aspecto os acadêmicos de enfermagem notavam que muitos se calavam, ficavam retraídos e até choravam, pois, a grande maioria já havia passado por algum tipo desses abusos, o que trazia em sua memória lembranças negativas e traumas.

No decorrer das consultas de enfermagem, os acadêmicos questionavam se alguma vez o aluno já havia praticado automutilação, tentativa de autoextermínio ou se já haviam tido esses pensamentos. Os acadêmicos notaram que era recorrente esse tipo de situação, principalmente após traumas. Os alunos receberam a Caderneta do Adolescente que é um instrumento didático elaborado pelo Ministério da Saúde que ajuda o/a estudante acompanhar as mudanças que ocorrem nos seus corpos nesta faixa etária, e traz informações sobre os seus direitos como adolescentes, fornece orientações e conselhos sobre como evitar doenças e explica os cuidados corporais recomendados pelo Ministério da Saúde.

Caso observado a necessidade de realizar algum encaminhamento para um especialista específico, é enviado um comunicado aos pais ou responsáveis relatando o motivo e a especialidade necessária. Dependendo da especialidade, o estudante era orientado a procurar a IES que oferece a comunidade algumas especialidades como: Otorrino; Cirurgia geral/Otorrino; Cirurgia (pequenas cirurgias); Farmácia; Nefrologia; Pediatria; Pneumologia; Ginecologia; Urologia; Psiquiatria; Clínica médica; Geriatria; Psicologia; Nutrição; Odontologia e Enfermagem. As consultas de enfermagem eram finalizadas com orientações e encaminhamentos de acordo com a necessidade de cada aluno. Ao identificar quaisquer sinais ou atitudes de alerta diante a avaliação da consulta, era feito um relatório através do roteiro de consulta, e encaminhado para o Serviço de Orientação Educacional (SOE) da Instituição de Ensino.

Após a realização das consultas os adolescentes retornavam à sala de aula acompanhados pelas acadêmicas para evitar evasão. Ao retornar à enfermaria, as acadêmicas realizavam as evoluções de enfermagem de cada estudante individualmente com o levantamento de dois diagnósticos de enfermagem segundo o *North American Nursing Diagnosis Association I (NANDA-I) (2021-2023)* e as condutas de enfermagem.

Dentre os diagnósticos encontrados, alterações nos hábitos alimentares, falta de exercícios físicos, automutilação e pensamentos suicidas foram os mais prevalentes, tendo como o principal motivo a violência sexual ou tentativa de abuso sexual e a separação dos pais. Um dos instrumentos utilizado pelas acadêmicas foi a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE), para auxiliar, visibilizar, organizar e documentar a investigação durante a consulta de forma a ajudar na detecção de violência.

Têm ainda o papel de acolher e assegurar a proteção imediata a criança ou adolescente, sempre se atentar aos sinais de violência durante o exame físico e anamnese, identificar e avaliar índice de violência no comportamento, relações interpessoais e psicológicas da vítima e avaliação do aumento e desenvolvimento da criança. Em ocorrências suspeitas ou identificação de violência, precisará ser acionado o Conselho Tutelar, e realizar o encaminhamento para a equipe dos Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF), que contam com o psicólogo, médico e assistente social. Também é função do enfermeiro preencher a ficha de notificação compulsória.

DISCUSSÃO

As enfermeiras da escola na Pensilvânia empregaram intervenções de modo a inserir debates sobre relações benéficas e sadias nas relações e convívio com os estudantes. Enfermeiras e alunos da escola consideraram a atividade plausível, e os discentes adolescentes foram afirmativos em suas ponderações, mesmo com obstáculos incipientes que abrangeram contratempos com a aderência da escola, tempo e acomodações restritas e particulares para realização das atividades (RAIBLE CS, et al., 2017).

O desempenho em rede intersetorial unindo especificamente os departamentos saúde e educação foi sinalizado como essencial método de combate da violência contra adolescentes, assim como atividades pertinentes às condições de vulnerabilidade social (VASCONCELOS MIO, et al., 2020). Posturas individuais e circunstanciais relativas à violência entre adolescentes acarretam na precisão do comprometimento da

enfermeira escolar em intervenções entre os setores e interdisciplinaridade em saúde (VERÍSSIMO AVR, et al., 2022).

Em uma pesquisa analítica, de abordagem qualitativa com 30 enfermeiros da Atenção Primária à Saúde (APS) foi exequível reconhecer que a atuação dos enfermeiros em situações de violência se traçou no reconhecimento da agressão nas consultas de enfermagem por intermédio do exame físico, acolhimento, intervenções de promoção da saúde em espaço escolar, requerimento de apoio da equipe multiprofissional da saúde e educação, tal como a transmissão de responsabilidades (MARCOLINO EC, et al., 2022; ANJOS JSM, et al., 2022c; ANJOS JSM, et al., 2022a; ANJOS JSM, et al., 2022d; ANJOS JSM, et al., 2022b; ANJOS JSM, et al., 2022e).

Um vídeo educativo produzido para avaliação de especialistas e juízes de saúde como estratégia de combate à violência sexual em adolescentes mostrou-se uma ferramenta promissora na prevenção de agressões em adolescentes em idade escolar, pois ajudou a revelar o problema, promover discussão e sensibilizar os estudantes sobre o assunto. Os avaliadores consentiram que o vídeo permite ao educador em saúde estimular a reflexão sobre o tema oportunizando aos adolescentes a compreensão de conhecimentos e atitudes para prevenir a violência sexual (SOUZA VP, et al., 2022).

O profissional de enfermagem atuante na atenção básica e, em ambiente escolar, se destaca principalmente na promoção em saúde, sendo ela indispensável para a formação crítica e reflexiva do indivíduo no autocuidado. Posto isso, o enfermeiro é inserido como desencadeador de ações que constroem princípios norteadores e valores éticos. Decorrente, a criação do espaço e de confiança entre as crianças e adolescentes, o profissional da saúde é capaz de proporcionar acessos e descobertas aos profundos traumas vividos ou vivenciados por essa população, sobretudo nas consultas de enfermagem (DA SILVA SA, CERIBELLI C, 2021).

A violência e a exploração sexual de adolescentes em escolas, são problemas sofridos por adolescentes causando severas consequências em suas vidas, como distúrbios comportamentais e emocionais que vão desde abuso de substâncias psicoativas ao pensamento autodestrutivo. O procedimento do enfermeiro nessa demanda passa desde a identificação dos casos, acolhimento das vítimas e sua família, cuidar da saúde biopsicossocial desses adolescentes e crianças, além da notificação dos casos. Requer deste profissional, conhecimentos, habilidades e ações estratégicas que favoreçam a diminuição de casos e proteção (DOS SANTOS ALELUIA E, et al., 2020).

Além disso, a educação em sexualidade na escola pode ser um amplo campo de exercício na assistência de enfermagem, quando integrada à educação em saúde, com expressivo impacto individual e coletivo para as vítimas de violência sexual, suas famílias e a sociedade como um todo, podendo repercutir no âmbito social e da saúde. Além do mais, alerta para a necessidade de desenvolver estratégias que integrem medidas preventivas e protetivas para crianças e jovens, campo propício para atividades de cuidado (CONCEIÇÃO MM, et al., 2022).

O abuso sexual e a violência contra crianças e adolescentes são ocorrências absolutamente devastadores que acarretam graves problemas a saúde mental no decorrer de todo o processo de desenvolvimento. O abuso ocorre mesmo em locais e pessoas cuja integridade pública, física, moral e psicológica deve ser protegida. Ao buscar compreender o assunto, uma grande extensão de informações pode ser obtida, o que indica a complexidade do abuso sexual, e a necessidade de ter uma rede que possa pacificar e que proteja a vítima, porque ela acredita em algum tipo de “segurança” e, portanto, se culpa pelo que aconteceu (FONTES LFC, et al., 2017).

No ano de 2019 em Pernambuco foi realizada uma pesquisa que mostrou como é fundamental trabalhar com ações preventivas associado ao PSE, por meio de cartas anônimas, rodas de conversa, vídeos e palestras educativas. A carta por ser algo anônimo foi onde os adolescentes mais se sentiram à vontade para falar sobre os seus traumas e com essas medidas o programa chegou à conclusão que nas escolas onde são trabalhadas essas ações os números de denúncias aumentam e os casos diminuem devido à participação relevante dos pais (REGO EL, 2019).

O profissional de Enfermagem, junto com os discentes e o Conselho tutelar possuem um papel mestre na vida dos adolescentes, enfatizando sobre realização de ações educativas com os alunos, como a assistência de enfermagem na escola, confecção de materiais educativos com linguagem acessível, poemas, produção de desenhos, dramatizações, e palestras que permitam a eles terem a autonomia de identificar a violência tanto crianças quanto os adolescentes (JARDIM FA, et al., 2019).

Os enfermeiros assumem protagonismo nas ações de atenção primária no combate à violência sexual na adolescência, propondo estratégias básicas para intervenções de promoção da saúde holística, incluindo a sexualidade, reconhecendo a complexidade dos fatores de vulnerabilidade na implementação de programas de ações educativas. Merecem destaque os fundamentos teóricos e metodológicos, a crítica inerente e social dos métodos de ensino, valorizando o conhecimento dos adolescentes e profissionais da educação para proporcionar a construção do conhecimento contextualizada, comprometida com uma mudança de realidade para promover a educação em saúde estratégica, coerente com a política de saúde das escolas.

REFERÊNCIAS

1. ANJOS JSM, et al. Educação em saúde mediante consultas de enfermagem na escola. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 2022c; 15(4): e10150.
2. ANJOS JSM, et al. Consultas de enfermagem com alunos de um centro de ensino do Distrito Federal: um relato de experiência. *Revista Eletrônica Acervo Enfermagem*, 2022a; 18: e10143.
3. ANJOS JSM, et al. Intervenções de Enfermagem em Ambiente Escolar por meio de Consultas de Enfermagem. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 2022d; 15(9): e10981.
4. ANJOS JSM, et al. Consulta de Enfermagem em Âmbito Escolar: um relato de experiência. *Revista Eletrônica Acervo Enfermagem*, 2022b; 18: e10149.
5. ANJOS JSM, et al. Relevância das intervenções de enfermagem em ambiente escolar: um relato de experiência. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 2022e; 15(6): e10383.
6. BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. 2022. Disponível em: [https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2022/junho/criancas-e-adolescentes-sao-79-das-vitimas-em-denuncias-de-estupro-registradas-no-disque-100#:~:text=Das%20v%C3%ADtimas%2C%205.881%20s%C3%A3o%20crian%C3%A7as,casos%20envolvendo%20o%20grupo%20vulner%C3%A1vel](https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2022/junho/criancas-e-adolescentes-sao-79-das-vitimas-em-denuncias-de-estupro-registradas-no-disque-100#:~:text=Das%20v%C3%ADtimas%2C%205.881%20s%C3%A3o%20crian%C3%A7as,casos%20envolvendo%20o%20grupo%20vulner%C3%A1vel.). Acessado em: 4 de novembro de 2022.
7. CONCEIÇÃO MM, et al. Child and adolescent victims of sexual violence: aspects of physical and emotional development. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2022; 75(Suppl 2): e20200584.
8. CRUZ GA e SARAT M. História da infância no Brasil: contribuições do processo civilizador. *Educação e Fronteiras*, 2015; 5(13): 19-33.
9. DA SILVA SA e CERIBELLI C. O papel do enfermeiro frente a violência infantil na atenção primária. *Revista Eletrônica Acervo Enfermagem*, 2021; 8: e5001.
10. DOS SANTOS ALELUIA E, et al. Repercussões do abuso e exploração sexual na criança e adolescente e a importância da qualificação da enfermagem frente aos casos: revisão narrativa. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 2020; 52: e3617.
11. FONTES LFC, et al. Violência sexual na adolescência, perfil da vítima e impactos sobre a saúde mental. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2017; 22(9): 2919-2928.
12. GALINDO NAL, et al. Violência infanto-juvenil sob a ótica da enfermagem. *Revista de Enfermagem UFPE*, 2017; 11(Suppl. 3): 1420-1429.
13. JARDIM FA, et al. Assistência de enfermagem à criança vítima de violência sexual: relato de experiência. *Saúde Coletiva*, 2019; 9(48): 1309–1313.
14. LEITE JT, et al. Enfrentamento da violência doméstica contra crianças e adolescentes na perspectiva de enfermeiros da atenção básica. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 2016; 37(2): e55796.
15. MARCOLINO EC, et al. Violence against children and adolescents: nurse's actions in primary health care. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2022; 75(Suppl 2): e20210579.

16. MATHEWS B e COLLIN-VÉZINA D. Abuso sexual infantil: em direção a um modelo conceitual e definição. *Trauma, Violência e Abuso*, 2019; 20(2):131-148.
17. MIRANDA MHH, et al. Violência sexual contra crianças e adolescentes: uma análise da prevalência e fatores associados. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 2019; 54: e03633.
18. RAIBLE CS, et al. School Nurse-Delivered Adolescent Relationship Abuse Prevention. *J Sch Health*, 2017; 87(7): 524-530.
19. OMS. OMS aborda consequências da violência sexual para saúde das mulheres. 2018. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/80616-oms-aborda-consequencias-da-violencia-sexual-para-saude-das-mulheres>. Acessado em: 4 de novembro de 2022.
20. REGO, EL. Ações preventivas do programa saúde na escola contra a violência sexual no município de casinhas, Pernambuco. *Brazilian Journal of Health Review*, 2019; 2(6): 5811-5821.
21. SANTANA, DR. Infância e educação: a histórica construção do direito das crianças. *Revista HISTEDBR*, 2014; 14(60): 230-245.
22. SILVA JLL, et al. Health education with teenagers at school: experience report. *Brazilian Journal of Health Review*, 2020; 3(3): 6007–6017.
23. SILVA LMP, et al. Nursing actions face to sexual violence against children and adolescents. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2011; 64(5): 919-924.
24. SILVA PLN, et al. Desafios da atuação do enfermeiro frente à violência sexual infanto-juvenil. *Jonah. nurs. Health*, 2021; 11(2): e2111219482.
25. SOUZA VP, et al. Elaboration and validation of an educational video for the prevention of sexual violence in adolescents. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 2022; 31: e20210171.
26. VASCONCELOS MIO, et al. Violência contra adolescentes e as estratégias de enfrentamento. *Enfermagem em Foco*, 2020; 11(5): 144-151.
27. VERÍSSIMO AVR, et al. Prevalence and factors associated with dating violence among public school adolescents. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 2022; 43: e20210170.